



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALINE VIANA DE CARVALHO

**A SEXUALIDADE NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**CAJAZEIRAS - PB
2009**

ALINE VIANA DE CARVALHO

A SEXUALIDADE NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência para obtenção do título de licenciada em Pedagogia sob orientação da profª. Dra. Risomar Alves dos Santos.

CAJAZEIRAS
2009



C331s Carvalho, Aline Viana de.
A sexualidade na concepção dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental / Aline Viana de Carvalho. - Cajazeiras, 2009.
34f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

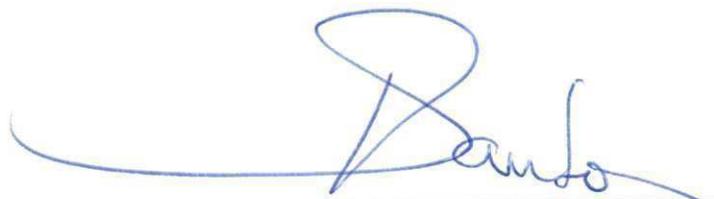
1. Sexualidade Infantil. 2. Desenvolvimento da Identidade Sexual. 3. Educação sexual. 4. Identidade Sexual-construção. I. Santos, Risomar Alves dos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 613.88-053.5

ALINE VIANA DE CARVALHO

A SEXUALIDADE NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia aprovada em 27 / 02 de 2009.



Orientadora – Professora Doutora Risomar Alves dos Santos.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

CAJAZEIRAS
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

“Educai as crianças e não será preciso punir os
homens.”

Pitágoras (1973).

Dedicatória

Dedico este trabalho a diretora, professores e alunos da Escola Municipal Lídia Cabral de Sousa da cidade de Aguiar-Pb, por terem tornado possível a realização desse estudo.

Agradecimentos

A Deus pelo encorajamento.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e por compreenderem a minha ausência durante a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de curso pelas inúmeras demonstrações de amizade e solidariedade ao longo dessa jornada.

E a todos os professores, em especial a Ms. Antonia Lis de Maria Martins Torres e a Dra. Risomar Alves dos Santos pelo incentivo e paciência ao indicar-nos o percurso.

Sumário

Resumo.....	9
Introdução.....	10
1. Considerações Gerais sobre a sexualidade infantil e sua influência na construção da identidade sexual do indivíduo.....	12
Metodologia.....	19
Análise dos dados.....	21
Análise do estágio.....	24
Considerações finais.....	29
Referências bibliográficas.....	31
Anexos.....	32

Resumo

O presente trabalho monográfico aborda o tema da sexualidade infantil, no tocante a sua influência no desenvolvimento do ser humano. Neste, apresentamos o parecer de alguns estudiosos especialistas no assunto, que formularam teorias para explicar o processo de construção da identidade sexual. Essa pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Lídia Cabral de Sousa e teve como objetivo verificar se a Orientação Sexual, da forma como vem sendo abordada naquela instituição, contribui para a preparação e desenvolvimento da identidade sexual do seu alunado. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com a pretensão de investigar de perto a realidade das nossas crianças. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com questões abertas, direcionado ao professor e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, daquela instituição. Com este trabalho, pretende-se desencadear nos profissionais da educação e pais reflexões de seu cotidiano com crianças, abrindo portas para futuros trabalhos de Orientação Sexual.

Palavras-chave: sexualidade infantil, orientação sexual e desenvolvimento da identidade sexual.

Introdução

A sexualidade humana tem sido tema de discussão ao longo dos séculos, principalmente devido às doenças advindas do contato sexual, bem como a posicionamentos divergentes referente à abordagem do assunto, o que tem gerado uma série de concepções, comportamentos e esteriótipos.

As formulações conceituais sobre a sexualidade infantil, por exemplo, datam do começo do século passado e ainda hoje não são conhecidos ou aceitos por parte dos profissionais que se ocupam da educação de crianças, inclusive educadores.

Ainda há para alguns, o modo resistente de pensar que as crianças são seres puros, que não têm sexualidade a expressar. De certo que existem educadores que têm difundido as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens, como pontua os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), contudo, devo explicitar a minha opinião com relação a essa afirmação: esses professores são minoria na equipe de educadores do nosso país, seja por falta de preparação ou resistência para tratar tal assunto, seja pelo fato que muitos professores continuam a ter dificuldades na abordagem da sexualidade.

Sabemos que é no espaço privado – família – que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade. Contudo, não podemos descartar a influência que a criança sofre de outras fontes, como livros, mídia, amigos, escola. De acordo com os PCN's

(...) essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos. As crianças acabam por não compreenderem por completo o significado de mensagens repassadas por estes meios, daí constroem conceitos e explicações erradas sobre a sexualidade. (1997, pág.112)

Cheia de dúvidas, ansiedade, curiosidades, a criança chega à escola, espaço onde ela passa a maior parte do seu tempo, disposta a encontrar respostas para seus questionamentos, uma vez que, no espaço privado, muitas vezes, essa oportunidade lhe é negada ou reprimida.

Tratar de questões como sexualidade, reprodução humana, sempre provoca constrangimentos para os pais, seja por desinformação, por preconceito, medo, princípios religiosos ou, até mesmo, por simples falta de tempo para conversar. O assunto mexe com valores históricos, culturais e principalmente pessoais. Por isso, muitos pais, por reconhecerem a carga de responsabilidade e competência que se deve ter para abordar a

questão, transfere para a escola tal função. À escola é destinada, portanto, a tarefa de orientar e educar as crianças nesse sentido.

Porém, os PCN's apontam que o que geralmente são abordados na escola, são questões breves relacionadas à temática sexualidade, que não abarcam, na realidade, as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfocam apenas o corpo biológico, não incluindo as dimensões: culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.

Como problema apresenta-se: qual o nível de entendimento dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, com relação a sua sexualidade?

Para responder a essa indagação, apresentamos os seguintes objetivos:

- Investigar a posição de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, no tocante ao debate referente à sexualidade com os alunos;
- Examinar como os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental compreendem a sua sexualidade.

A presente monografia se constitui de um capítulo que trata da sexualidade infantil a partir de teorias formuladas por estudiosos que se ocupam de crianças e seu processo de desenvolvimento; da Metodologia, que explica como e onde essa pesquisa foi realizada; da Análise dos dados obtidos no decorrer da investigação, que foram de suma importância para a formulação dos conceitos trabalhados; da Análise do estágio, que exprime as experiências adquiridas na tentativa de estudar a realidade das crianças dos anos iniciais e o seu modo de lidar com a sexualidade e por último, as considerações.

No final deste trabalho há indicações de possíveis aprofundamentos sobre o assunto, através de uma bibliografia enriquecida com livros, revistas e sites de autores especialistas em questões da infância, que serviram de fundamento para a realização desse estudo.

1. Considerações Gerais sobre a sexualidade infantil e sua influência na construção da identidade sexual do indivíduo.

Não há dúvida de que a sexualidade tenha grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas. As incertezas se manifestam ao se discutir e tentar explicar de que forma a identidade do papel sexual se estabelece no ser humano, especificamente quando ele ainda é criança.

Vários teóricos desenvolveram uma série de conceitos diferentes, alguns conflitantes, outros complementares para o estudo da sexualidade e comportamento da criança. Antes de abordá-los, considero importante enfatizar o que coloca Hellen Bee sobre a questão do autoconceito

(...) o desenvolvimento do autoconceito é um importante evento evolutivo. O que uma criança sabe e acredita que ela seja afetará todas as suas interações com os outros e, por influenciar o tipo de coisas que a criança irá tentar, o autoconceito pode ter efeitos bastante amplos sobre o desenvolvimento de novas habilidades.
(1977, pág. 221)

Nye (2002) explica melhor essa questão ao enfatizar a abordagem da Psicologia de Rogers, que defendia a teoria do “self”, ou ainda, a teoria do “autoconceito”. Rogers afirmava que a maneira como a pessoa se via era o fator mais importante para prever o seu comportamento futuro.

Diante do exposto, parece plausível considerar a afirmação de Hellen Bee (1977), ao caracterizar a descoberta e atitude da criança com relação ao seu sexo, um marco importante no desenvolvimento do seu autoconceito.

A autora explica como se dá o processo de desenvolvimento do papel sexual. Segundo ela, a partir dos três anos de idade a criança já consegue aplicar o rótulo para menino e menina, sem, contudo, compreender tal diferença como faz um adulto.

Aos quatro anos, segundo Hellen Bee (1977), a criança já usa pronomes para referir-se às pessoas em seu ambiente. Além disso, já começa a mostrar preferências por brinquedos e atividades associadas a seu próprio sexo, contudo, ainda não concebe que seu sexo seja um aspecto permanente de si mesma, nem associa as designações sexuais com as diferenças genitais.

Pelos cinco ou seis anos, como diz a autora acima, a criança já compreende que o gênero é constante e que se ela é uma menina não poderá se transformar num menino. É também por volta dos cinco anos, segundo a autora, que ela já começa a mostrar uma imitação consistente ou identificação com adultos do mesmo sexo.

Somente por volta dos sete anos, ainda segundo essa autora, é que a criança tem a clara noção de seu próprio sexo e uma idéia dos estereótipos e características do papel feminino e masculino. Com relação à identidade do papel sexual adotada nesta idade precoce, ela permanece durante toda a infância e a fase adulta.

Explicar como esta identidade fixa se estabelece na criança, foi o que levou diversos teóricos a se aprofundarem em estudos e pesquisas para encontrar respostas convincentes a esse questionamento. Dentre essas teorias, destaca-se a Psicanálise, defendida por Freud apud Hellen Bee (1977).

Ainda para essa autora, Freud, como vários outros psicólogos influenciados pelo naturalismo, valorizava demais a natureza do homem. Foi a partir dele que o sexo passou a ser tratado cientificamente na Psicologia. Inicialmente, Freud acreditava que a sexualidade humana só se desenvolvia na puberdade, período em que o organismo poderia procriar. Entretanto, ele começou a rever estas questões através de estudos sobre a sexualidade infantil.

Para responder pela aquisição da criança com identidade e comportamento sexual apropriados, Freud apresentou o conceito de *identificação*, como consequência do conflito edípico; Segundo Bee

De acordo com Freud, o processo de identificação é diferente no menino e na menina. A identificação da menina com sua mãe cresce de sua ligação primariamente amorosamente com ela. Mas é comum os meninos não manterem tal relação dependente e amorosa com o seu pai, outro mecanismo é necessário (...) é o poder de castração que está aparentemente no âmago do problema, da forma como Freud viu.
(1977, pág. 225)

Freud, ainda segundo a autora, alegava que um menino de quatro anos já tinha alguma idéia das suas diferenças genitais com a das meninas. Daí, o medo da castração partia do menino acreditar que as meninas e mulheres não tinham pênis por já terem sido castradas pelo pai.

Essa teoria foi um tanto criticada na época, segundo Bee (1977). Mas, pudera, aparentemente parece-nos que as crianças começam a preferir brinquedos e atividades associadas ao seu próprio sexo, antes que elas concebiam as diferenças anatômicas. Será

mesmo que uma criança com quatro anos de idade já consiga estabelecer a diferença sexual entre ela e uma outra do sexo oposto e ser esse o motivo de levá-la a optar por um brinquedo que corresponda ao seu sexo? Isso soa um tanto extraordinário, em minha opinião.

Mas uma outra teoria propôs uma perspectiva diferente do mesmo fato, a chamada teoria da Aprendizagem Social, defendida por Walter Mishel, explicitada por Bee (1977). De acordo com tal teoria a aquisição e o desempenho de comportamentos sexualmente tipificados podem ser descritos pelos mesmos princípios usados para analisar qualquer outro aspecto do comportamento do indivíduo, para Mishel apud Hellen Bee

A tipificação sexual é um processo pelo qual o indivíduo adquire padrões de comportamento sexualmente tipificados: primeiro, ele aprende a discriminar entre padrões de comportamento sexualmente tipificados, depois, a generalizar estas experiências de aprendizagens específicas a novas situações e finalmente, a desempenhar comportamentos sexualmente tipificados.

(1977, pág. 226)

Esse processo, segundo esse autor, levava diversos anos, até que a criança conseguisse determinar se ela era uma menina ou um menino. Para isso, acreditava-se ser o convívio familiar o fator fundamental para que esse processo se efetivasse, pois era no convívio familiar que a criança aprendia a utilizar corretamente o rótulo para si mesmo, ao ouvir com frequência os termos menina, ela, etc.

Uma segunda teoria apresentada pelo mesmo autor é a de *imitação*. Diferentemente de Freud que defendia a *identificação* como processo pelo qual a criança incorporava todas as qualidades do indivíduo com o qual se identificava, Mishel apud Hellen Bee, alegava que a criança “copiava” os comportamentos e atitudes do adulto. Ele sugeriu a palavra *imitação* para melhor descrever esse processo. Explicação, em minha opinião, bem mais convincente e consistente que a apresentada por Freud.

Outros teóricos da Aprendizagem Social, Bandura e Walters, também citados por Bee usaram para o mesmo tipo de evento o termo *aprendizagem observacional*. Pesquisas realizadas por eles mostraram que as crianças modelavam-se em função de um adulto que tivesse poder sobre algumas fontes, tais como recompensas, por exemplo: se o homem fosse mais poderoso que a mulher em uma situação experimental, tanto os meninos, quanto as meninas imita-lo-ão, se a mulher fosse a mais poderosa, tanto os meninos quanto as meninas, iriam imitá-la. Mishel assumiu que a mesma situação acontecia numa família,

contudo, ele considerava que além desta tendência básica de imitar alguém que tivesse poder, a criança teria de lutar com as conseqüências diretas de sua imitação:

Se uma menina imita o pai, mais poderoso, ela pode ser repreendida por mostrar o comportamento “de menino”; enquanto que suas imitações da mãe podem ser recompensadas. Assim, gradualmente ela é moldada para a adoção do papel feminino.
(1977, pág. 226).

Embora tal perspectiva tenha considerável sentido em termos intuitivos, ela não é bem fundamentada pelos fatos que as dispuseram. Pesquisas realizadas logo após a formulação dessa teoria, quanto a tendência de uma criança pequena imitar adultos, mulheres e homens, não mostraram resultados consistentes de que os meninos pequenos imitassem mais os homens e que as meninas imitassem mais as mulheres.

Outra alternativa, porém, foi oferecida pela Teoria Cognitivo-desenvolvimental. Kolber, o defensor dessa teoria, enfatizado por Bee, usou o termo *seqüência desenvolvimental* para exemplificar como se dava o desenvolvimento da identidade do papel sexual. Segundo o teórico, o desenvolvimento do conceito de identidade sexual seguia a mesma progressão cognitiva básica de qualquer outro conceito:

Primeiro a criança aprende o rótulo menina, da mesma forma como ela aprende os rótulos cadeira, brinquedos, etc. Mas, como os outros primeiros rótulos, o rótulo sexual não é usado consistentemente (...) ela pode usar corretamente a palavra gato para o gato malhado da família e mesmo assim não aplicar este rótulo a outros da mesma vizinhança. Da mesma forma ela pode dizer que é uma menina, mas não ser capaz de aplicar o mesmo rótulo corretamente a outras meninas e mulheres que ela vê.
(1977, pág. 228).

Portanto, assim como era verdadeiro para outros conceitos como exemplificou e acreditava o autor acima, a criança posteriormente aprenderia as dimensões do conceito de menina e menino e algumas pistas que lhes mostrariam se uma nova pessoa era uma menina ou menino, descartando as diferenças genitais como pistas em sua discriminação, por ainda não ter atingido um estágio que lhe propiciasse tal conhecimento. Tal estágio só era alcançado, por volta dos cinco ou seis anos, quando ela aprenderia outras constâncias, ao mesmo tempo em que conceberia que ser uma menina era permanente.

Assim, uma vez concebida a permanência do seu sexo, a criança começaria a valorizar e a imitar o comportamento de pessoas do seu sexo.

Vale salientar que Kohber apud Bee não rejeitou a noção de imitação ou o papel do reforçamento defendida pelos teóricos aqui explicitados. Ele concordou que tais reações ocorriam e eram importantes no desenvolvimento do papel sexual, mas que não desempenhavam um papel importante a não ser depois que a criança tivesse desenvolvido um sentido de identidade sexual constante, ou seja, aos cinco ou seis anos, idade onde ela já tinha uma noção bastante clara do seu sexo e um conjunto bem desenvolvido de expectativas a respeito de suas próprias habilidades e aptidões.

Contudo, acredito que tais teóricos apesar das opiniões divergentes e ao mesmo tempo semelhantes em alguns aspectos (implícitos, pelo menos na forma de explicar tal evento), tinham algo em comum: a concepção de que o autoconceito e a identidade do papel sexual são importantes conceitos mediadores para a criança. Ou seja, o que a criança acredita que ela seja e seu conhecimento da constância de seu sexo afeta todas as suas interações com as outras pessoas. Mas, seria apenas a família o núcleo de onde parte toda a influência para a construção da identidade do papel sexual da criança, assim como enfatizou esses teóricos aqui analisados?

A responsabilidade da família na formação da criança, principalmente no que diz respeito à educação sexual é de suma importância para psicólogos e educadores, em sua quase totalidade. Marta Suplicy (1995, pág. 36) disse que: “è no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual”.

Contudo, questões sobre sexo, sexualidade e reprodução humana sempre provocam constrangimentos para os pais. Ainda mais quando estes possuem uma sexualidade problemática, mal resolvida, ou que por princípios filosóficos ou religiosos negam-se a tal responsabilidade. Daí, as perguntas das crianças são quase sempre negligenciadas e as respostas evasivas, quando abordadas, acontecem de forma distorcida ou confusa, no intuito de cessar as perguntas momentâneas, provocando ainda mais dúvidas, inquietações que poderão durar a vida inteira, segundo alguns psicólogos.

Os PCN's dão conta de que a criança também sofre influência de muitas outras fontes e que essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual, não só de crianças, mas também de jovens e adultos. Diz ainda que o que a TV veicula (filmes, novelas intensamente erotizadas) gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexual da criança.

Assim como vimos anteriormente, a sexualidade está presente desde o nascimento e tem um tempo e um ritmo que lhe são próprios. A exposição prematura a excesso de estímulos sexuais, como oferece a mídia, pode ser problemática para um sujeito em constituição. Ignorar, ocultar ou reprimir, não parece, portanto, atitudes recomendáveis aos pais, nem desrespeitar a particularidade do tempo de maturação da constituição de cada sujeito, como faz a mídia, ao acreditar que está veiculando programas de acordo com a atual cultura globalizada, desconsidera o fato de participar na formação de mentalidades e no desenvolvimento psicossocial de crianças, que fazem parte de seus telespectadores.

Há ainda a influência do núcleo escolar. Querendo ou não, a escola depara-se com situações nas quais sempre intervém, principalmente no que se refere às manifestações sexuais dos alunos. A forma pela qual ela reage ao presenciar tais manifestações, seja física (namoro na escola, masturbação, etc.) ou verbal (perguntas, insultos, etc.) estará transmitindo valores, que de certa forma influencia na construção da identidade sexual do aluno.

Se a escola decide ignorar as atitudes dos alunos com relação à expressão sexual, esquivando-se de sua responsabilidade em orientar (pois é este o seu papel, como enfatiza os PCN's), ela estará fazendo com que os alunos pensem que temas relativos a sexualidade não devem ser discutidos, ou seja, estará reforçando o tabu de que sexo é mesmo algo sujo, feio, ou pior, estará incentivando os alunos a continuarem procurando informações com colegas e, não raro, ouvir comentários equivocados em resposta.

Por esse motivo é que a escola não pode negligenciar o seu papel de contribuinte na formação do indivíduo. Cabe a ela, como pontua os PCN's (1977, pág. 121) “ (...) preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião do que lhe é ou foi apresentado.” Se a escola assim o fizer, estará possibilitando o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que o próprio aluno elege como seus.

Ainda de acordo com os PCN's, escolas que tiveram bons resultados com a orientação sexual relatam o aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos.

Contudo, para que a escola consiga tal mérito, faz-se necessário a disponibilização de profissionais capacitados para desempenharem, de forma significativa, o papel de ajudar os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades e angústias. Refiro-me a todos, não somente aos professores de ciências e biologia, pois todos, sem exceção, inclusive, funcionários, supervisores, orientadores e diretores estão sujeitos a vivenciarem experiências relacionadas a

manifestações sexuais dos alunos no convívio diário, que os exijam habilidade e, sobretudo, preparo psicológico para lidar com a situação.

Infelizmente, pesquisas dão conta de que, a maioria de nossas escolas, não se encontra preparada para assumir tal compromisso, os professores disponíveis, não têm nenhum curso e o que sabem é baseado em curiosidades de revistas e troca de informações com colegas, ou na leitura de livros que só traduz o biológico, sem levar em conta sentimentos, emoções e respeito. Podemos constatar a afirmativa no relato a seguir

Resultados de uma pesquisa que realizamos com professores sobre educação sexual, apontaram para a necessidade de sua formação, exigindo, desta forma, o desenvolvimento de programas adequados a sua capacitação nesta área. Obviamente tais resultados eram esperados, uma vez que as Faculdades de Educação e os cursos de formação de professores de 1º e 2º graus pouco ou nenhum preparo propiciam em relação à sexualidade humana, com enfoques multidisciplinares.”
Fagundes apud Simaia Sampaio (2007, pág. 9 de 12).

Portanto, para que haja Educação Sexual na escola é preciso mais que sua inclusão no currículo escolar, é preciso disponibilização de profissionais preparados. Esta preparação envolve desde a capacitação do educador através de cursos continuados específicos na área, como o repensar de conceitos sexuais e conseqüentemente a quebra de tabus ainda existentes nestes. Somente assim, o professor poderá exercer o seu papel no qual se comprometeu, quando optou por essa profissão.

Conscientes, então, de que não há como dissociar a sexualidade da pessoa, e que a educação sexual do ser humano acontece desde o nascimento, é que pais e educadores contribuirão para o desenvolvimento saudável mentalmente e fisicamente da criança, através da abertura da família para a discussão de assuntos relacionados à sexualidade e do trabalho sistemático de orientação sexual na escola. Tais favorecimentos possibilitarão o crescimento seguro dessa criança, tornando-a capaz de conduzir cada momento novo que viver, cada problema, de forma segura e consciente.

Metodologia

Para a pesquisa do tema que me empenhei investigar, utilizei leituras provindas de várias fontes como: livros, revistas, internet, na busca de teorias que expliquem a maneira como a criança lida com a sua sexualidade e como a sua identidade sexual vai sendo elaborada no decorrer dos anos, e conseqüentemente nas fases que correspondem aos graus de maturação do ser humano.

O desejo, ou a curiosidade em saber sobre o assunto, surgiu quando no ingresso à Universidade me deparei com assuntos relacionados à sexualidade infantil, discutidos nas aulas de Introdução a Psicologia. Percebi, a partir das abordagens feitas em sala sobre o assunto, que na infância não tive as informações necessárias, julgadas pelos autores mencionados, indispensáveis à formação completa do indivíduo, e que, assim como eu, deveriam existir muitas pessoas, inclusive crianças, que não tinham acesso a essas informações, podendo ter passado, ou ainda, estarem passando por dificuldades na construção de sua identidade sexual.

Partindo desse pressuposto, considerei conveniente e oportuno, ir além das teorias e investigar de perto a realidade das nossas crianças, através de uma pesquisa de campo. Para tanto, elegi uma turma de alunos com faixa etária entre 9 e 15 anos, do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lídia Cabral de Sousa, localizada no município de Aguiar-Paraíba. Esta Escola funciona nos turnos manhã e tarde e atende a 156 alunos na faixa etária entre 6 e 15 anos, todos pertencentes a famílias de baixa renda.

Segundo a diretora daquela instituição, o principal problema enfrentado pela Escola, refere-se à dificuldade em acomodar e manter os alunos, pelo pouco espaço oferecido no prédio, principalmente, por se tratar de alunos indisciplinados e rebeldes, fato que acaba dificultando o trabalho pedagógico dos professores. Este foi um dos motivos que me impulsionou a escolher essa e não outra escola, para realizar essa pesquisa. O comportamento desses alunos poderia ser conseqüência de uma infância conturbada, ou quem sabe: *mal educada sexualmente*.

Assim, decidida a encontrar respostas à estas e outras questões, utilizei um questionário com perguntas abertas para o professor (ANEXO 1) e alunos (ANEXO 2), selecionados para essa pesquisa.

Optei por este tipo instrumento, por ser o mais indicado nesse tipo de pesquisa, segundo Rummel (1972), pois permite fazer levantamentos de atitudes e sondar as opiniões dos informantes.

Uma outra vantagem deste tipo de ferramenta para coleta de dados, ainda segundo o autor, é que permite ao correspondente escrever como se sente a respeito de determinado assunto e dar os antecedentes para a sua resposta.

As questões tiveram caráter exploratório, que me deram subsídios para entender quais os assuntos relacionados à sexualidade provocavam mais curiosidade e quais os que bloqueavam o entendimento dos alunos, dando origem ao que muitos psicólogos chamam de *inquietações*, podendo durar a vida inteira, se não combatidas pelos responsáveis – pais e escola – em busca de uma educação sexual que esclareça tais inquietações nas crianças.

Feito o levantamento de dados, utilizei as informações obtidas para comparar com as teorias que nortearam a realização deste trabalho.

A constatação do que evidenciavam os autores, com relação às manifestações sexuais dos alunos investigados, contribuiu para a seleção das atividades que desenvolvi naquela instituição no período do estágio.

Os assuntos abordados durante os vinte dias letivos em que o estágio foi realizado suprimiram consideravelmente as necessidades aparentes dos alunos, a partir do que pude constatar.

Além da abordagem dos conteúdos programáticos pela professora regente, acrescentei os conteúdos ligados à sexualidade, intercalando-os em todas as disciplinas e o resultado desta experiência relato minuciosamente no tópico que se segue, intitulado *Análise do Estágio*.

Análise dos dados

Tratar do tema sexualidade, é sem dúvida, um desafio tanto para os pais – responsáveis pela primeira educação da criança – quanto para os professores responsáveis pela continuação e aperfeiçoamento dessa educação. O assunto mexe com valores culturais e, sobretudo, pessoais. Contudo, pode-se dizer que negar a criança o direito de explicação às perguntas que fazem referente à temática, é induzi-las a buscar informações em lugares, ou com pessoas não indicadas, não tão seguras e capacitadas quanto os responsáveis por esta orientação.

Estudos dão conta de que a primeira curiosidade da criança com relação à sexualidade se manifesta bem cedo, mais cedo mesmo do que os pais supõem. Ofélia Cardoso (1996, pág. 195) diz que “é uma curiosidade natural, idêntica a que se revela diante de tudo quanto é novo, quanto a surpreende”. Assim, é prudente não esquecer que, uma vez satisfeita essa curiosidade, não quer dizer que a capacidade da criança em interessar-se por novos assuntos cesse.

Vivemos em constantes transformações: o homem, a sociedade; e tudo o que antes não era permitido *discutir* na escola, na família, por questões de princípios, hoje não é mais tão alarmante como outrora, isso é fato, mas há ainda um número considerado de pessoas que tratam o tema *sexualidade* com receio e tabu.

Na pesquisa que realizei em uma escola pública, com alunos do 5º ano, na faixa etária de 9 a 13 anos de idade, por exemplo, quando perguntados se eram orientados sexualmente pela família, dos nove pesquisados: cinco responderam sim. Dos quatro que disseram não ter essa orientação em casa, um foi mais além e opinou o porquê de seus pais não lhe orientarem: “(...) muitos pais não sentem liberdade em discutir o assunto com os filhos”.

Outro ponto que me chamou atenção foi o fato de a maioria responder não a pergunta *se discutia sobre sexualidade na sua escola*. Dos nove alunos, cinco responderam que não, e os que responderam sim, acrescentaram que discutiam não com o professor, mas com os amigos. O que demonstra não se sentirem a vontade em discutir sobre o assunto com o professor, ou este não abrir espaço para debate. A professora, por sua vez, quando indagada *se tratava da temática com os alunos em suas aulas*, respondeu prontamente que sim e ainda enfatizou a importância das escolas abrirem espaço para o debate sobre o assunto entre os alunos: “(...) contribui para a satisfação da curiosidade das crianças.” Tal controvérsia me faz

lembrar uma colocação dos PCN's, sobre a forma como muitas escolas *trabalham* o tema sexualidade:

(...) atentas para a necessidade de trabalhar essa temática em seus conteúdos formais, muitas escolas incluem Aparelho Reprodutor no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico. (1997, pág. 113)

Talvez os conteúdos trabalhados pela professora investigada, não atendam os anseios dos alunos. Tanto é que, ao serem perguntados sobre que assuntos relacionados à sexualidade gostariam de discutir em sala de aula, a maioria sugeriu mais de cinco conteúdos, todos voltados para a adolescência, mesmo não estando ainda nesta fase. Paulo Ciccarelli explica o motivo que pode levar crianças a interessar-se por assuntos, que normalmente só lhes atrairiam em idades congruentes:

(...) ainda que a sexualidade infantil esteja presente desde o nascimento, ela tem um tempo e um ritmo que lhe são próprios, e a exposição prematura a um excesso de estímulos sexuais pode ser problemática para um sujeito em construção. Uma das fontes deste excesso pode ser a mídia. (2003, pág. 2)

A mídia, assim como muitas outras fontes, atua de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos, como enfatiza os PCN's. Os programas, por exemplo, que a TV veicula: propagandas, filmes, novelas, em sua maioria são intensamente eróticos, assim como os programas jornalísticos e campanhas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, que veiculam informações dirigidas a um público adulto. As crianças, então, os assistem, muitas vezes não os compreendem, e daí, constrói conceitos errôneos sobre a sexualidade, acelerando, portanto, seu interesse em assuntos não coerentes com a sua idade.

Parte daí a justificativa que os PCN's apresenta para a intervenção da escola na desmistificação dessas fantasias “ (...) Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa.”(1997, pág. 112).

Sobre o papel da escola em tratar do tema, sete dos nove alunos pesquisados, alegaram não ser a escola o lugar para se discutir tal assunto. Essa colocação carregada aparentemente de preconceitos, parece ter sido formulada a partir de influências e informações errôneas sobre a sexualidade.

Marta Suplicy (1995) diz que o contato cotidiano da criança com os pais, a mídia, os grupos sociais, influenciam na elaboração de suas concepções de vida sexual, sendo a atitude dos pais, sua principal influência na infância. Assim, se os pais, ou qualquer um desses elementos influenciadores, passam para a criança uma visão negativa de *sexo*, esta tende a atribuir-lhe como algo feio, que não pode ser discutido, assim como expressaram essas crianças, na questão citada acima.

A atual posição da escola investigada, na minha concepção, não exerce a tarefa de realizar uma educação sexual para as crianças, ao contrário, a impressão transmitida é que idealizam a temática, trata-na ainda como um tabu, motivo pelo qual, talvez, todos os alunos investigados quando questionados sobre a diferença entre *sexualidade e sexo*, tenham dado respostas evasivas e contrárias à definição dos termos, assim como a professora regente. Para definir sexualidade ela usou as seguintes palavras: “sexualidade é o relacionamento sexual do homem e da mulher”.

Como esta professora, acredito terem tantas outras naquela instituição, necessitadas de uma capacitação que lhes propiciem esclarecimentos, adequações e, sobretudo, segurança para lidarem com o assunto em sala de aula. De acordo com Marta Suplicy apud Simaia Sampaio (2007, pág. 10) “A criança chega à escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas.”

Desta forma, ao chegar à escola a criança depara-se com um professor despreparado, fazendo com que mantenha-se, ou agrave-se ainda mais seu estado inquieto, com o acúmulo de informações contraditórias sobre a sexualidade.

Assim, consciente da necessidade dos alunos em discutir sobre sexualidade, busquei, através do estágio, suprir essa carência, a partir de atividades voltadas à desmistificação e esclarecimentos de dúvidas surgidas, durante o desenvolvimento dos trabalhos em sala de aula e acredito ter conquistado tal proeza, afinal compete ao professor essa tarefa, como pontuou os PCN 's (1997, pág. 123) “O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestadas a cerca da sexualidade, uma vez que, fazem parte do seu processo de desenvolvimento.”

Análise do Estágio

Durante o período de vinte dias letivos, decorridos de 21 de Outubro a 20 de Novembro, tive a oportunidade de presenciar e, sobretudo, vivenciar a experiência de trabalhar com alunos do ensino fundamental I, especificamente alunos do 5º ano, a temática *sexualidade*, que tenho investigado minuciosamente em minha monografia.

Devo enfatizar a utilidade do instrumento de pesquisa que escolhi, para entender a priori o nível de conhecimento desses alunos com quem iria trabalhar no período do estágio, relacionado à temática da pesquisa.

Através do questionário aplicado, verifiquei que a maioria tinha interesse em discutir na escola temas relacionados à sexualidade, uma vez que, como responderam durante a pesquisa, só falavam sobre o assunto com colegas. Tal constatação me abriu espaço para falar no assunto, como também para ouvir suas opiniões, suas fantasias (adquiridas por informações errôneas de colegas, mídia e até mesmo da família).

Foi também baseada no resultado do questionário, que percebi suas necessidades em conhecer melhor o seu corpo e suas manifestações, relacionadas ao funcionamento, estrutura e sentimentos humanos. Também percebi a necessidade dos participantes em diferenciar os termos *sexo e sexualidade*, motivo, talvez, da repulsa de alguns pais e professores em tratar do assunto com as crianças, justamente por esses não entenderem a diferença entre ambos os termos.

A princípio, temi que os responsáveis pelos alunos não compreendessem a necessidade destes em discutir o assunto a ser exposto durante as aulas, apesar de sentir-me preparada para enfrentar quaisquer desafios e expor o que considerava (e ainda considero) importante para o desenvolvimento dos alunos, como indivíduos consciente e confiante. Como afirma Simaia Sampaio, com relação à importância da educação sexual desde a infância

(...) a educação sexual correta desde a infância promove o desenvolvimento de um ser humano saudável mentalmente e fisicamente. O indivíduo aprende a refletir sobre seus valores, distinguindo o conceito de certo e errado diante do mundo em que vive. (2007, pág. 11)

Assim, convicta da necessidade dos alunos em conhecer e lidar com a sua sexualidade, resolvi criar oportunidades para que expusessem e refletissem sobre suas idéias, sentimentos e conflitos nesta área. Logo no primeiro encontro sugeri a *caixinha de dúvidas*. Nela, os alunos

depositariam suas incertezas, questionamentos e idéias a serem discutidas nas aulas que iriam acontecer de maneira sucessiva.

A idéia da *caixa de dúvidas*, também me auxiliou para, a partir das dúvidas expostas pelos alunos, planejar aulas voltadas para a desmistificação e esclarecimento das informações errôneas, que possuíam com relação à temática.

Discutir com os alunos e muitas vezes com alguns professores que vinham, por curiosidade, observar a aula, não mais vendo e tratando o tema sexualidade como um tabu, me fez crer que é possível as escolas adotarem a temática, na grade curricular como um dos seus conteúdos principais, assim como consideram a matemática, o português e demais disciplinas, fundamentais para o desenvolvimento pleno do aluno. Tereza Fagundes apud Simaia Sampaio (2007, pág.11), diz que “(...) é preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade do ser na re-interpretação e reconstrução da realidade.”

Talvez seja a falta dessa oportunidade a qual a autora faz menção, o motivo de muitos professores e escolas ainda *resistirem* a tratar do assunto com os alunos e pais.

Na escola onde realizei o estágio, por exemplo, quando conversei com a diretora sobre o tema que pretendia investigar com os alunos daquela instituição, percebi a surpresa e temor em suas palavras, me autorizando de forma *intrigada* a realizar tal pesquisa. Com a professora regente da sala onde estagiei, por sua vez, percebi sua insegurança em dizer *animada* que seria uma ótima idéia trabalhar sexualidade com os alunos, uma vez que, já discutiam o tema de vez em quando em suas aulas, mas não de forma exclusiva.

Na prática, observei o quanto os alunos constrangiam-se ao falar de sexualidade, o que me fez crer que, ao contrário do que a professora afirmara, não discutiam sobre o assunto, mas desejavam, o que pude constatar a partir dos questionamentos depositados na *caixinha de dúvidas* e mais tarde pela freqüência dos debates levantado durante as aulas.

Foi, portanto, na abertura dessa possibilidade, de discutir sobre o assunto, que tanto os alunos, quanto alguns professores (como citei anteriormente) puderam sentir-se à vontade em exporem suas angústias, dúvidas e crenças. Inclusive, em uma dessas discussões, uma das professoras depôs sobre sua educação quando criança; falou da maneira agressiva como os seus pais reagiam ao presenciarem discretamente, ela e os irmãos expressando sua sexualidade, de forma espontânea, nas brincadeiras e conversas. E foi por meio desse desabafo, que ela chegou à conclusão de que, quando negado à criança o direito de expressar suas fantasias e incertezas, a tendência era essa criança tornar-se uma pessoa insegura,

hiperativa, isolada, diferente das outras que tiveram liberdade e oportunidade desde sempre. O que é reforçado por Marta Suplicy (1995, pág. 7) quando diz: “As vivências de cada um, vão moldando uma visão muito particular sobre sexualidade que pode ser mais rígida ou liberal, severa ou lúdica, dependendo dessas experiências e influências.”

Ainda segundo essa autora, é a atitude dos pais frente a sexualidade sua e dos filhos, a principal influência recebida por estes desde a infância. Então, se os pais demonstram repulsos, quando os filhos tocam no assunto, ou fazem perguntas sobre a temática; reage agressivamente, quando diante uma atitude *ingênua* do filho expressando sua sexualidade, esta família está, inconscientemente, transmitindo um valor negativo sobre o sexo à criança e será a partir dessa influência que esta fará suas escolhas e moldará suas concepções e vida sexual posteriormente.

Por sua vez, se a escola propõe-se a preencher essas lacunas de informações, essa fatalidade de a criança (pela falta de esclarecimentos) elaborar sua vida sexual de forma equivocada, será evitada. Sobre essa orientação sexual nas escolas, os PCNs coloca que o trabalho realizado por ela não implica em substituir, nem concorrer com a função da família, mas a complementá-la. Ao propiciar informações e possibilitar a sua discussão, a escola, ainda segundo os PCNs, estará incentivando o aluno a desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Ainda sobre a influência da escola, para a desmistificação de tabus e conseqüentemente *reciclagem* do indivíduo, no seu processo de construção como ser, Marta Suplicy enfatiza que

(...) Ao promover intenso debate e fornecer informações corretas, a Orientação Sexual na escola dá oportunidade ao adolescente, de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como, partilhar suas preocupações e emoções. (1995, pág. 11).

O que o PCN coloca com relação às experiências com Orientação Sexual em escolas que realizaram tal trabalho, são resultados bem sucedidos, o que pude constatar, também, no meu estágio.

As aulas de orientação sexual propiciaram transformações nos relacionamentos pessoais entre os alunos; a naturalidade na troca de idéias, com relação à temática, bem como o respeito pela diversidade; a diminuição da indisciplina em sala de aula. Enfim, a possibilidade de pensarem e expressarem com liberdade opiniões sobre assuntos, antes considerados *proibidos*, fizeram-nos, de modo geral, mais espontâneos e expansivos, o que me envaidece e

me faz crer, ter contribuído, a partir do meu trabalho de investigação e constatação para o processo de desenvolvimento dos alunos envolvidos no estágio.

Os temas referentes à sexualidade, abordados durante o estágio foram:

- As fases da vida: infância, adolescência e adulto.
- A puberdade
- As diferentes opções sexuais
- Os aparelhos reprodutores: masculino e feminino
- O relacionamento sexual
- e A fecundação.

Vale salientar que desses temas, foram abordados vários outros assuntos.

A metodologia aplicada para o desenvolvimento desses temas envolveu jogos, atividades lúdicas, dinâmicas, debates e discussões; sempre envolvendo toda a turma para a abordagem da temática.

A avaliação se deu de forma contínua, e o método adotado pela professora regente era a abordagem qualitativa, constituindo-se elemento importante para a constatação da efetivação das atividades desenvolvidas.

No último dia do estágio, os alunos foram avaliados por meio de uma dinâmica, que os exigia *boa memória* para a recordação dos assuntos discutidos até então, e, em seguida foram solicitados a falar sobre a experiência vivenciada durante esse processo.

A experiência como educadora durante esses vinte dias letivos, serviu para constatar a minha feliz escolha em optar por essa profissão. Não poderia ter escolhido melhor missão. O que me faz lembrar uma declaração feita por D. Pedro II sobre o nosso ofício: “Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro.” (Dicionário de Pensamentos, 1984, pág. 365).

A magia de nossa profissão está evidenciada nessas poucas palavras que exprime a grandeza de exercer papel tão esplêndido a favor da humanidade.

Em pouco tempo de experiência, pude perceber a relação entre o que explicavam os autores em suas teorias com relação a influência que nós profissionais da educação exercíamos sobre os alunos, a partir da nossa prática. Foi estimulante constatar o enlace *teoria e prática* e, sobretudo, engrandecedor saber que os valores transmitidos a partir de minhas *atitudes*, diante das manifestações sexuais dos alunos, influenciaram positivamente, pelo menos na minha concepção, para o desenvolvimento saudável daquelas crianças. Acredito ter,

também, passado para os demais que fazem aquela escola, especialmente aos professores, com quem convivi e troquei experiências em conversas no intervalo das aulas, a certeza de que só através da sua disponibilidade em permitirem-se discutir com os alunos sobre suas incertezas e dúvidas, é que combateriam a indisciplina e rebeldia que tanto os têm atrapalhado no cumprimento dos seus deveres como educadores, como queixou-se a diretora em conversa informal que tivemos quando procurei a escola para a realização da minha pesquisa. Em suma, avalio essa minha experiência como *uma investigação bem-sucedida*.

Considerações finais

Durante essa pesquisa reunimos e relembramos o que foi exposto sobre sexualidade, procurando focalizar atitudes que devem ser consideradas e valorizadas, sobretudo pelos pais e educadores, responsáveis pela educação da criança.

A sondagem do próprio corpo, bem a como a curiosidade voltada para o corpo do outro, é uma necessidade à qual nenhum ser normal escapa. Naturalmente, essa manifestação acontece quando o indivíduo ainda não tem um conhecimento formado a respeito de si, ou seja, na infância, quando tudo ainda se apresenta confuso para o entendimento deste. Como explicitou Ofélia Cardoso (1966), é nessa fase que o ser humano vai adquirir o conceito que terá mais tarde, de si próprio, do indivíduo de outro sexo e do papel relativo dos dois. Daí a importância da família desde cedo educar a criança neste sentido. O ambiente familiar que não educa, só censura, reprime a criança, contribui para a construção de suas fantasias e conceitos errados sobre sexualidade.

Outro ponto que reafirmamos aqui é no que diz respeito às influências que a criança recebe do ambiente em que vive, seja pelo convívio com outras crianças ou pela mídia, o fato é que estes de uma forma ou de outra, interferem na construção da sua identidade sexual. Geralmente, é a própria criança que procura esses meios para satisfazer suas curiosidades, já que no ambiente familiar lhe é negada o esclarecimento das dúvidas que a inquieta.

É compreensível que muitos pais não se sintam a vontade para conversarem com os filhos sobre a temática, mas é seu dever responderem na medida das necessidades da criança, suas dúvidas com relação a estes e outros assuntos, sem contar que, agindo assim, estarão evitando que as preocupações sexuais invadam imoderadamente o campo de consciência da criança e as tornem obsessivas.

Quanto ao papel da escola na formação saudável do indivíduo, com relação a sua sexualidade, é conferida a ela a tarefa de complementar a educação que a criança recebe em casa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais

(...) de forma diferente à maneira como a família transmite seus valores à criança, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão(1997, pág.121).

Será, pois, a partir do diálogo e da possibilidade de reconstruir as informações que a criança traz consigo, que esta conseguirá transformar ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa o seu próprio código de valores.

Com estas considerações, justifico a continuidade deste trabalho que intencionou situar o problema da orientação sexual precoce, mostrando quão prejudicial é para a evolução da criança os tabus e mistérios com que, até em nossos dias, o assunto parece envolvido.

Referências Bibliográficas

AZZI, Rubens. Dicionário de Pensamentos. São Paulo, Editora formar ltda, 1984.

BEE, Hellen. A criança em desenvolvimento. Tradução por Antonio Carlos Amador Pereira (e) Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CECCARELLI, Roberto. Ética, Mídia e Sexualidade. Jornal do Psicólogo, abr. / jun. 2003. Disponível em: <<http://www.pailegal.net>> Acesso em 04 mar. 2008.

CARDOSO, Ofélia B. Problemas da Infância. In: Biblioteca de Educação 5 ° ed. Edições Melhoramentos, 1966.

Coleção Os Pensadores. Os Pré-Socráticos. Abril Cultural, São Paulo. 1ª edição. Vol. 1, agosto 1973.

NYE, Robert D. Três psicólogos: idéias de Freud, Skinner e Rogers. Tradução de Robert Bryan Taylor. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

RUMMEL, J. Francis. Introdução aos Procedimentos de Pesquisa em Educação. São Paulo, Editora Globo, 1972.

SAMPAIO, Simaia. Educação Sexual para além dos tabus. Psicopedagogia on-line. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=644>> Acesso em: 23 Out. 2007.

SUPLICY, Marta. Sexo se aprende na escola: São Paulo: Olho d água, 1995.

Anexo 1

Questionário direcionado ao professor regente

1. Em sua opinião, o que é sexualidade e educação sexual?
2. Em sua opinião, a escola deve ou não trabalhar com a sexualidade?
3. Quem deveria se ocupar de educação sexual na escola, em sua opinião?
4. Você aborda o tema sexualidade com seus alunos? Com que frequência?

1 vez por semana

1 vez por mês

raramente

nunca

Por quê? _____

5. Na série em que leciona, que tópico você considera relevante ser trabalhado no tocante sexualidade? Por quê?
6. Em suas aulas, que material você utiliza para trabalhar a temática?
7. Você sente-se preparado para tratar desse assunto em sala de aula? Por quê?

Anexo 2

Questionário direcionado ao aluno

1. Você discute sobre sexualidade na sua escola? Com quem?

2. Se discute, com que frequência isso acontece?

1 vez por semana

1 vez por mês

raramente

nunca

3. Sua família orienta sobre sexualidade?

4. Em sua opinião:

a) sexualidade é o mesmo que sexo?

sim

não

Por quê? _____

b) a escola deveria discutir sobre sexualidade?

sim

não

Por quê? _____

6. Cite temas ligados à sexualidade que gostaria de discutir em sala de aula.

- Professores e alunos - principais agentes para a realiza^o desse trabalho monografico



- Exibi[^]ao do documentario *POT toda a trilha vida - especial Renato Russo*, na aula sobre Op^oes Sexuais.



- Cartazes confeccionados pelos alunos para compara^çao das diferen^ças sexuais entre *homens* e *mulheres*.

